
Revista Dossiê: instrumento pedagógico na prática do jornalismo investigativo¹

Matheus FELIPE²

Leandro OLEGÁRIO³

Centro Universitário Ritter dos Reis - UniRitter, Porto Alegre, RS

RESUMO

A partir da construção da Revista Dossiê, este trabalho objetiva a reflexão pedagógica no ensino do jornalismo investigativo através de produto impresso experimental. Trata-se de um projeto pioneiro no âmbito da graduação em Jornalismo, cuja temática é pautada pelo impacto e relevância social. Nesse contexto, a partir da pesquisa exploratória, discute-se implicações pedagógicas em sala de aula na perspectiva docente. O trabalho também apresenta a importância da ética na formação acadêmica como catalizador de boas práticas de jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo investigativo; ensino de jornalismo; revista Dossiê.

INTRODUÇÃO

O curso de Jornalismo do Centro Universitário Ritter dos Reis apresenta na sua matriz curricular a disciplina de Jornalismo Investigativo, componente obrigatório no quinto semestre⁴. Em pesquisas feitas pela internet nos portais de diferentes instituições de ensino superior públicas e privadas também encontramos a presença dessa disciplina, o que demonstra a importância desse conteúdo associado a Diretriz Curricular Nacional na Resolução CNE/CES nº 1, de 27 de setembro de 2013. Na qual destaca em seu segundo artigo que a estrutura do curso de bacharelado em Jornalismo deve, entre outros:

Inserir precocemente o aluno em atividades didáticas relevantes para a sua futura vida profissional; propiciar a interação permanente do aluno com fontes, profissionais e públicos do jornalismo, desde o início de sua formação, estimulando, desse modo, o aluno a lidar com problemas reais, assumindo responsabilidades crescentes, compatíveis com seu grau de autonomia. (BRASIL, 2013)⁵

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Mestrando em Linguística (UniRitter). Professor de Jornalismo no Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter, email: matheus_felipe@uniritter.edu.br.

³ Doutorando em Comunicação (PUCRS). Professor de Jornalismo no Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter, email: leandro_olegario@uniritter.edu.br

⁴ A partir da nova matriz, implementada em 2017.1, a disciplina compõe o eixo obrigatório do sexto semestre.

⁵ Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192 >. Acesso em: 09.04.2017.

Assim sendo, cabe destacar a sua ementa:

A disciplina explora as diferentes práticas contemporâneas de investigação jornalística. No enredo de composição disciplinar os alunos aprendem a trabalhar a técnica investigativa como método. Como peças deste complexo quebra cabeças apresentamos: A concepção da história através de uma hipótese, busca pelos critérios de noticiabilidade, a definição da investigação, organização dos documentos encontrados, a composição estrutural da narrativa investigativa. O processo ainda contempla a redação, o controle de qualidade e análise do material sob à luz da ética e da legalidade, a publicação, a defesa da história no espaço público e, por fim, a mensuração dos resultados. Toda metodologia é baseada em temas de grande interesse público, reforçando, assim, a função do social do jornalismo. (UNIRITTER, 2016)⁶

E os objetivos gerais também constantes no plano de ensino contemplam: “Promover o conhecimento das características da construção de uma reportagem investigativa; Despertar o senso crítico em relação às coberturas jornalísticas e refletir sobre questões éticas e legais das técnicas investigativas; e Proporcionar o conhecimento técnico por meio da prática.” (UNIRITTER, 2016). Como diferencial, a ser explorado no presente trabalho está a experiência da criação da Dossiê, única revista impressa de Jornalismo Investigativo exclusivamente desenvolvida pelo corpo docente com supervisão docente no âmbito dos cursos de graduação em Jornalismo no país. O que pretende-se é reforçar o papel da reportagem no cenário contemporâneo a partir do paradigma de que sobrevivência da reportagem, no gênero informativo ou interpretativo, no jornalismo brasileiro também depende da sobrevivência da reportagem no currículo dos Cursos de Jornalismo. Esse foi um fator decisivo no momento de se idealizar e realizar um produto impresso com narrativas em profundidade. Desse modo a disciplina, oportuniza a relação teórica e prática e faz com que os alunos possam refletir ao longo do semestre sobre os 16 passos propostos por Fortes (2014, p. 35-43):

- 1) Pesquisa minuciosa de cada nuance dos fatos feita com os olhos críticos que deve ter todo bom repórter.
- 2) Pesquisa e concentração, porque uma boa investigação é demorada e, normalmente, recheada de documentos, dados, estatísticas, legislações e códigos de onde se tira o extrato necessário para a notícia.
- 3) Insistência e perseverança, seja a partir de informações fragmentadas, seja a partir da própria intuição.

⁶ Disponível em: <www.uniritter.edu.br>. O documento compõe o plano de ensino com acesso restrito ao portal do aluno. Acesso em: 09.04.2017.

4) Atenção especial a todos os tipos de documentações disponíveis, inclusive as públicas.

5) Entrevistas, muitas entrevistas, com objetivo de obter o maior número possível de informações, contrapontos, críticas, pistas e, sobretudo, contradições dentro da apuração.

6) Conhecimento policial básico. Veja bem: não significa manter em casa um laboratório de análise papiloscópica, nem um kit com lupa, algemas e pistola.

7) Curiosidade e desconfiança. Essas duas características da alma humana devem sempre andar juntas durante uma cobertura jornalística que envolve investigação.

8) Discrição. O movimento silencioso de um bom repórter pode ser, muitas vezes, a chave de uma reportagem de sucesso.

9) Checar, checar, checar. E checar outra vez, toda vez que a informação lhe parecer estranha, imprecisa, inconsistente ou óbvia demais.

10) Liberte-se de preconceitos. Nunca parta de princípios pessoais, religiosos, ideológicos ou coisa que o valha para definir o rumo de sua apuração.

11) Arquivos bem organizados com informações pertinentes ao tema da reportagem também fazem diferença crucial na hora da formulação do texto.

12) Frieza, objetividade e precisão. Aquele político ladrão, aquele pastor safado, aquele padre pedófilo, aquele juiz corrupto, toda essa gente horrível, você sabe, é fonte inesgotável de notícia, principalmente quando se fala de jornalismo investigativo.

13) Lealdade ao leitor é a razão de toda a atividade jornalística.

14) Coragem e responsabilidade, duas coisas que podem viver separadas, mas que juntas se tornam uma blindagem característica de todo grande repórter.

15) Respeito às fontes é uma das chaves da profissão e uma das razões da longevidade dos bons repórteres, principalmente os que cobrem as áreas policiais e militares.

16) Clareza e simplicidade devem pautar a construção do texto e sua edição final, para que o resultado de uma apuração tão trabalhosa como a de uma investigação jornalística não termine em um emaranhado de nomes, números, vocábulos e expressões ininteligíveis.

Da concepção da história até a mensuração dos resultados, há passos em que o jornalista deve cumprir. Nesse sentido, observa-se, dentro da academia e do mercado, que muitas opiniões acerca da definição do Jornalismo Investigativo acabam divergindo. Este tensionamento é constante ao decorrer das aulas. Debates propostos

durante o semestre letivo tentam trazer um entendimento de que todo jornalismo precisa, sim, ser investigativo, mas, por outro lado, nem todo jornalismo dispõe de tempo e demais recursos para a elaboração de matérias investigativas. Outrossim, metodologicamente para o desenvolvimento deste trabalho amparamos nossa estratégia na pesquisa exploratória, pois “tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”, (GIL, 1999, p. 43).

2. O JORNALISMO INVESTIGATIVO APLICADO EM SALA DE AULA

Quando se pensa em Jornalismo Investigativo, o Caso Watergate é uma das principais referências citadas. White (2009) destaca o pensamento de Woodward e Bernstein, que à frente do jornal *The Washington Post*, promoveram uma das mais importantes narrativas jornalísticas do século XX.

Ao relembrares como descobriram um dos escândalos mais sensacionais da história política americana, Woodward e Bernstein ressaltaram que o que fizeram no caso Watergate foi a reportagem policial mais básica que se aprende no início da carreira ou no curso de jornalismo. Eles dizem que cobriram o caso Watergate da mesma maneira que cobriram qualquer fato para o qual fossem escalados: “Nós batemos em um monte de portas”. (WHITE, 2009, p. 367).

Outro fator fundamental e que acaba sendo explorado é o relacionamento com as fontes, pois são elas que trarão as vozes transformadas em citações diretas e indiretas da reportagem. O trabalho em sala de aula está alicerçado na ênfase e aprofundamento de dinâmicas envolvendo a pauta, a entrevista e a interação repórter e fonte.

Um dos reforços teórico-prático em sala de aula é na marcação das entrevistas, quando os alunos são desafiados ao escolher a pauta, proporem ao entrevistado a possibilidade de realizar a matéria em lugar mais adequado para ambientar a história. Outro ponto é a condução da conversa. Na qual, os estudantes devem investir ao máximo na entrevista, jamais deixando para perguntar depois o que poderia ser dito no encontro com a fonte. Durante a entrevista, é fundamental que o repórter saiba com quem está lidando. Conforme Lage (2004), “a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”. As assessorias de imprensa são pagas para defender interesses dos clientes – que se utilizam dos veículos de comunicação para criar uma imagem positiva perante a opinião pública. Todavia parece oportuno frisar que serviço é legítimo e os releases podem ser

fontes de boas histórias, mas não substituem o trabalho de apuração. Mark Lee Hunter (2013) no manual *A investigação a partir de histórias: Um manual para jornalistas investigativos* destaca a possibilidade de iniciar uma investigação através de uma versão oficial. Seja uma entrevista ou até mesmo um release. Para reforçar a ideia, o autor, apresenta o exemplo de uma das maiores reportagens investigativas da história, conhecida como “O caso do Sangue Contaminado”⁷.

A partir de Schimitz (2011), apontamos os oito tipos de fontes:

Quadro 01 – Grupos de fontes e definições

Grupo	Definição
Oficial	Representante de instituições públicas ou privadas, que se pronuncia em nome da sua entidade.
Empresarial	Representante de uma corporação empresarial da indústria, comércio, serviços ou do agronegócio.
Institucional	Representa uma organização sem fins lucrativos ou grupo social.
Popular	Manifesta-se por si mesmo, geralmente, uma pessoa comum, que não fala por uma organização ou grupo social; não defende uma causa própria.
Individual	Representa a si mesma. Pode ser uma pessoa comum, personalidade política, cultural, artística ou um profissional liberal, desde que não represente entidade.
Testemunhal	Representa para imprensa aquilo que viu ou ouviu. Tem o papel de portadora da verdade.
Especializada	Detentora de um conhecimento reconhecido. Analisa consequências de determinadas ações ou acontecimentos.
Referência	A fonte de referência aplica-se à bibliografia, documento ou mídia que o jornalista consulta.

Fonte: Schimitz (2011)

Segundo Schimitz (2011) esses oito tipos de fontes podem ser subdivididos em duas categorias: fonte primária ou secundária. Fonte primária é aquela que revela dados em primeira mão: “Fornece diretamente a essência de uma matéria, como fatos, versões e números, por estar próxima ou na origem da informação” (SCHIMITZ, 2011, p. 24). A fonte secundária, por sua vez, é aquela que pode ser consultada no planejamento de

⁷ A repórter francesa, Anne-Marie Casteret, foi contatada por um hemofílico, no início dos anos 80, que denunciou diversas irregularidades no sistema de saúde do governo francês. A denúncia mais forte era de que, no início da epidemia de AIDS, a agência de saúde do governo vendeu de forma consciente aos hemofílicos e às suas famílias produtos especiais para o sangue que estava contaminado com o vírus da AIDS. (HUNTER, 2013).

uma pauta. “Contextualiza, interpreta, analisa, comenta ou complementa a matéria jornalística, produzida a partir de uma fonte primária” (SCHIMITZ, 2011, p. 24). A percepção quanto a definição é semelhante por Lage (2004).

Fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais. (LAGE, 2011, p.65).

Já Hunter (2013) destaca ainda a necessidade de dar atenção as fontes, chamadas por ele, de abertas. O jornalista sugere que 90% dos fatos a serem investigados estão disponíveis em uma fonte aberta. Uma fonte que pode ser livremente acessada.

Qualquer fato que está registrado em algum lugar, e que é aberto ao público, está ali à sua disposição. Não suponha que por serem abertas ao público, essas informações sejam velhas, inúteis, ou já conhecidas. Não procure somente por partes específicas de informações; isso é o que os amadores fazem. Ao invés disso, procure pelos tipos de fontes e abordagens que você poderá sempre usar novamente. A sua capacidade de usar esse material será um fator crucial na sua reputação. (HUNTER, 2013, p. 28).

O que a prática nos ensina e Christofolletti (2008) reforça é que não existe uma só maneira de lidar com as fontes: “fato é que não se faz jornalismo sem fontes de informação, assim como não se tem notícias sem apuração, checagem de dados e confirmação de versões” (2008, p. 41). Sem qualquer dose de desconfiança, repórteres e editores, por exemplo, aceitariam passivamente as informações de suas fontes, podendo se converter em meros transmissores das versões que interessam unicamente a essas fontes. Desse modo, Christofolletti (2008) indica caminhos para que o jornalista não caia em armadilhas: checar as informações, investigar, apurar e comparar relatos, sempre em busca da verdade. Nesse processo sem receita de bolo cabe ao repórter dar à medida que o distancia de suas fontes, às vezes mais perto, em outras mais longe.

Avançando ao tema proposto, o jornalismo investigativo é uma área especializada do jornalismo que tenta desvendar fatos ocultos do conhecimento público, como crimes e casos de corrupção. Segundo Burgh (2008), se o jornalismo é o primeiro rascunho da história, o jornalismo investigativo é o primeiro rascunho da legislação. “Isso se dá porque ele chama atenção para as formas como esse sistema pode ser logrado pelos ricos, poderosos e corruptos” (2008, p.3).

Um jornalista investigativo é um indivíduo cuja profissão é descobrir a verdade e identificar lapsos em qualquer mídia disponível. Isso costuma ser chamado de jornalismo investigativo e difere do trabalho aparentemente similar realizado pela polícia, advogados, auditores e instituições regulatórias, uma vez que não se limita ao público-alvo, não possui fundamentos legais e é estreitamente vinculado à publicidade. (BURGH, 2008, p.10).

Desse modo, Fortes (2014) pontua que o que diferencia o jornalismo investigativo das demais atividades jornalísticas são as circunstâncias, reportagens de mais fôlego, de maior investimento de apuração, entrevistas, observação direta, checagem e re Checagem, uma busca obsessiva por documentos e provas, normalmente mais complexas, com tempo de duração que, necessariamente, deve ser maior, embora quase sempre exercido sobre pressão.

“O jornalismo investigativo não é apenas o bom e velho jornalismo bem realizado”, (HUNTER, 2013, p. 8). Contudo, ambas as formas de jornalismo salientam os elementos de quem, o que, onde e quando. Mas o quinto elemento da cobertura convencional, o “por que”, torna-se o “como” na investigação. Paralelamente, os outros elementos são criados não apenas em termos de quantidade, mas também em termos de qualidade. Tomando por base a obra de Hunter (2013), estrutura-se o quadro abaixo comparando o jornalismo convencional ao jornalismo investigativo nos elementos de construção da reportagem.

Quadro 02 – Comparação entre modelos de jornalismo: convencional x investigativo

Elementos da construção da reportagem	Jornalismo Convencional	Jornalismo Investigativo
Pesquisa	O relato é feito de modo diário, semanal e mensal não sendo feita uma pesquisa adicional sobre o fato. A documentação em muitos casos é substituída pelas declarações de pessoas.	Tem que haver evidência, clareza confirmação da história e pode continuar após sua publicação, sendo coletado o máximo de informação e pode ser bastante longa ter documentação para que possa se apoiar ou negar as informações das fontes.
Relações com as fontes	Presume-se ser verdadeiras as fontes sem a devida consulta, fontes oficiais fornecem informações livremente ao repórter para enaltecer e ajudar a si e às suas metas, o repórter aceita a versão oficial completando com comentários ou acrescentando através de outras fontes. O repórter possui menos notícia e as fontes são quase sempre identificadas.	A fonte tem de ter reconhecimento averiguação de ser real, determinadas informações oficiais são ocultadas para não comprometer interesses de autoridades ou instituições. O repórter pode negar ou contrapor versão oficial através de fontes complementares. O repórter possui uma gama de informações e estas não podem ser identificadas em nome de sua confiança.
Resultados alcançados	A reportagem só informa o público, não há um compromisso do repórter com o caso, sendo direto e não tendencioso a qualquer das partes envolvidas, sendo uma notícia de pouca	O repórter contesta a história para obter um caminho melhor, e há dedicação do repórter para completar a história, ser correto, certo em relação aos fatos oferecendo juízo de valor ou veredito sobre a história. Tem-se uma estrutura

	importância e o repórter pode cometer erros não tendo muita importância.	dramática para impactar oferecida pelo repórter ou por uma fonte e neste caso o repórter não pode errar para não perder sua credibilidade.
--	--	--

Fonte: Autores, 2017 (adaptado de Hunter, 2013).

Para Sequeira (2005), qualquer prática jornalística parece fruto de uma investigação, no entanto o jornalismo investigativo é uma categoria que se diferencia das demais justamente pelo processo de trabalho do profissional, como métodos de pesquisa e estratégias operacionais. Por conseguinte, pela capacidade de reconstruir acontecimentos importantes, expor injustiças e, principalmente, mostrar os meandros da corrupção no setor público – que os poderes estatais querem ocultar dos cidadãos, o jornalismo investigativo, com sua face fiscalizadora, tornou-se conhecido pela sociedade (SEQUEIRA, 2005, p.61).

3. A REVISTA DOSSIÊ: PERCURSO PEDAGÓGICO

No processo de ensino-aprendizagem, a articulação entre teoria e prática é fundamental. Na disciplina de Jornalismo Investigativo, a proposta inicial foi fomentar a vivência de uma redação jornalística com caráter experimental. A intenção foi clara: reproduzir a realidade do mercado, ampliando a empregabilidade do aluno – com um diferencial, sem a existência de pressão econômica ou política na sua rotina, apenas o tempo como fator estruturante na perspectiva da lógica do *dead line*.

A prática através do planejamento e execução da revista Dossiê⁸ fez com os alunos lidassem com o jornalismo impresso como suporte para o jornalismo investigativo. Assim, sobremaneira se observa que os alunos aprimoraram o estilo de escrita, o mapeamento de fontes, o fotojornalismo e a checagem de informações para reportagens de fôlego, além do desafio estético da diagramação do conteúdo.

A capa foi pensada e desenvolvida em duas semanas. Constata-se que uma dezena de opções foram testadas e elaboradas. A escolha da capa feita pelos editores da revista Dossiê foi uma decisão unânime. A intenção era simular uma pessoa com alguns sentidos bloqueados por mãos de outras pessoas.

⁸ A versão impressa foi convertida em digital. Disponível em: https://issuu.com/dossieinvestigativo/docs/dossie_0001_web. Acesso em: 09/04/16.

Imagem 01 – Capa da 1ª edição da revista



Fonte: reprodução Dossiê (2016)

A imagem da capa faz alusão à sociedade que muitas vezes fingi não ver determinados assuntos ou problemas. Problemas que em diferentes momentos ficam enclausurados dentro das pessoas pelos simples fato de não abrir-se espaço para o diálogo.

Dentro da proposta pedagógica de redação simulada, o professor assumiu a função de Gerente de Jornalismo. No primeiro encontro com os alunos foi apresentado as vagas que seriam necessárias para desenvolver o trabalho da revista. Eram elas: Editor-chefe, chefe de reportagem, produtor, editor, repórter e diagramador. Os alunos deveriam escolher três vagas de interesse e depois mandar o currículo. No segundo encontro houve a seleção dos estudantes a partir de uma dinâmica de entrevista de emprego individual, guiada pela análise do currículo e interesse pela vaga. Durante a conversa foram definidas as vagas e as competências de cada função. Verificou-se que a proposta foi aceita pelas turmas de modo positivo e o interesse dos alunos durante as conversas foi demonstrou-se satisfatório, superando as expectativas iniciais do professor.

Depois da contratação simulada, as turmas dos turnos da manhã e da noite foram divididas em 14 grupos, totalizando cerca de 60 alunos. As equipes eram compostas por um repórter, um editor e um produtor, a partir de um rodízio de funções. O primeiro

grande desafio dos estudantes foi decidir quais as pautas fariam parte da revista. Os alunos tiveram a metade de duas aulas para fazer uma reunião de pauta entre eles. Ao chegarem a um consenso os integrantes teriam que levar a sugestão de reportagem a uma reunião de pauta geral. Nesse horizonte, Lage (2011) pontua: “A essência do jornalismo [...] é partir da observação da realidade (do que ela tem de singular)”, (LAGE, 2011, p. 42).

Para Lage (2011), a pauta tem a seguinte função:

Programa-se geralmente a pauta de reportagem (a reportagem aborda um assunto em visão jornalística) a partir de fatos geradores de interesse, encarados de certa perspectiva editorial. Não se trata apenas de acompanhar o desdobramento [...] de um evento, mas de explorar suas implicações, levantar antecedentes – em suma, investigar e interpretar. (LAGE, 2011, p.39).

As metades de duas aulas foram disponibilizadas para a reunião de pauta geral. O professor, na condição simulada de gerente de jornalismo, mais dois alunos com os cargos de editor-chefe e chefe de reportagem tinham a responsabilidade de questionar e sugerir as melhorias nas pautas apresentadas.

Observou-se que cerca de 90% das pautas apresentadas pelos alunos traziam temáticas sobre assuntos que, geralmente, são tratados como tabus pela sociedade. Diante desta situação, uma reunião entre o gerente de jornalismo e os cargos de chefia das duas turmas foi feita. No encontro ficou decidido que a primeira edição da revista Dossiê seria guiada pela pergunta “Por que não falamos sobre isso?”. A turma da manhã ficou com tema livre, dentro da temática de tabus, e a da noite, focou o trabalho em meio ambiente. Diante disso, apresenta-se a configuração do sumário da revista:

Imagem 02 – Sumário da 1ª edição da revista

SUMÁRIO	
UM PARAÍSO AMEAÇADO PELO LIXO	4
VÍTIMAS DO VENENO	6
ESCRAVOS DA BELEZA	10
SUICÍDIO: A DOR QUE MATA	14
SORTE OU AZAR?	17
BARRICA VAZIA, LIXO CHEIO	19
FERIDAS DO PRECONCEITO	22
A RELIÇÃO NA POLÍTICA	24
O LIXO NOSSO DE CADA DIA	27
DESRESPEITO À VIDA DOS ANIMAIS	29

Fonte: reprodução Dossiê (2016)

Analise-se que grande desafio inicial foi demonstrar aos alunos que não era necessário fazer uso da câmera escondida ou mesmo da infiltração para que a reportagem tivesse característica de investigação em profundidade, respeitando os limites éticos da profissão, como citado anteriormente neste trabalho. O amadurecimento do conceito fez com que os grupos se desprendessem das amarras.

Outra percepção foi o chamado ‘efeito cascata’ na linha de produção do fazer jornalístico. As pautas passaram a ser produzidas com mais facilidade, os editores tiveram o entendimento completo da pauta e consequentemente os repórteres foram mais ágeis na captação das informações e redação dos textos.

A partir da 6ª aula os alunos passaram a produzir e planejar as reportagens. No início de cada aula os grupos (repórter, produtor e editor) faziam reuniões internas enquanto a chefia alinhava os próximos passos da revista. O momento também era usado para definir algumas estratégias de diagramação do exemplar com o aluno responsável pelo setor. Após a reunião, os chefes de reportagem passaram pelos grupos para auxiliar a sanar dúvidas e definir estratégias, tendo as atividades supervisionadas pelo professor.

Na 11ª semana um grupo com quatro alunos foi formado. A missão principal era auxiliar os demais grupos na produção fotográfica das reportagens. Examina-se que a intenção inicial era fazer, pelo menos, uma foto bem produzida em cada reportagem, com a intenção de resultar em uma imagem que impressionasse o leitor na qualidade estética. Atenta-se para que apenas alguns grupos conseguiram se o tempo o tempo para produzir as fotos.

Imagem 03 – Reportagem sobre o uso de agrotóxicos em lavouras de fumo



Fonte: reprodução Dossiê (2016)

O trabalho de reuniões setoriais, produção, edição e reportagem seguiram até a 16ª semana. Assim sistematiza-se a rotina a partir da tabela abaixo.

Quadro 03 – Desenvolvimento pedagógico do Plano de Ensino por fases

Fase	Ação	Observação
1. Ambientação redação simulada	O professor assume a função de Gerente de Jornalismo e seleciona alunos para funções jornalísticas a partir de entrevistas de emprego e análise de currículo.	Engajamento dos alunos na entrevista individual e busca pela vaga desejada.
2. Divisão dos grupos de trabalho	As turmas da manhã e da noite foram divididas em 14 grupos, totalizando cerca de 60 alunos.	Estímulo ao rodízio de funções dentro do grupo.
3. Escolha do tema central	Rodadas de reunião pauta envolvendo toda a turma para a definição do tema.	Mobilização dos estudantes na seleção temática.
4. Produção da reportagem e planejamento gráfico	A partir da 6ª semana, os alunos começam a produzir e planejar as reportagens, guiados por reuniões de desenvolvimento da pauta com o professor e os alunos selecionados como editores-chefe.	Aplicação da prática de conceitos teóricos abordados anteriormente em aula e em disciplinas anteriores.
5. Produção e seleção de imagens	Um grupo especial com quatro alunos auxiliou os demais colegas na produção fotográfica das reportagens.	Por estratégia editorial, houve fotos produzidas em estúdio e fotos registradas no local da cobertura da pauta.
6. Revisão do material	Trabalho de diagramação e revisão textual.	Valorização das melhores histórias.

Fonte: Autores, 2017.

5. AS FUNÇÕES DA REVISTA: DA TEORIA A PRÁTICA

Durante todo o processo de produção da revista os alunos se depararam com as teorias apresentadas em aula. No momento da escolha da pauta já encontraram algumas sugestões apresentadas por Hunter (2013).

Os alunos que tiveram cargos de chefia oscilaram entre as três funções de acordo com a demanda solicitada dos grupos. Os editores-chefes e chefes de reportagem também tiveram um desafio extra ao fazer a gestão das pessoas e de problemas administrativos da revista. Atividades que foram desenvolvidas e acompanhadas sempre pelo professor da disciplina, promovendo a autonomia do aluno sem perder o diálogo

pedagógico. A partir de autores que compõem a base da disciplina e da reflexão proporcionada pela vivência em campo, estruturamos o quadro abaixo, considerando as funções desenvolvidas por alunos e professor, diante do tensionamento das dimensões teóricas e práticas.

Quadro 04 – Desenvolvimento das funções da equipe: teoria x prática

FUNÇÃO	DIMENSÃO TEORIA	DIMENSÃO PRÁTICA
PRODUTOR	- Descobrimos uma questão (busca de um tema adequado).	- A escolha da pauta através da subjetividade do aluno
	- A escolha de uma história para investigação: Essa história vale a pena?	- A verificação da história através dos critérios de noticiabilidade e valores-notícia.
	- Uma estratégia de investigação com fontes abertas.	- Identificação de documentos físicos e digitais disponíveis para informações.
	- Fontes Humanas: Por que as pessoas têm interesse em denunciar.	- Identificação das fontes necessárias para a realização de entrevistas.
	- Primeiros Contatos.	- Estratégias e dicas para a primeira conversa e a marcação das entrevistas.
EDITOR	- À medida que coletamos os dados, nós os organizamos.	- A organização e hierarquia de todo o material coletado para uma melhor visualização.
	- Técnicas específicas de composição da narrativa jornalística.	- Recursos da edição para o aprimoramento do texto apresentado pelo repórter.
	- O uso do arquivo mestre.	- Usar o arquivo para identificar possíveis equívocos e dúvidas no texto da reportagem.
REPÓRTER	- O uso e construção do arquivo mestre.	- Usar o arquivo cronológico da investigação para auxiliar a redação.
	- Identifique os antecessores do seu estilo: O uso de modelos.	- A busca de exemplos de narrativas relevantes que tenham proximidade com o tema escolhido.
	- A definição da estrutura narrativa.	- Definir qual a estrutura narrativa será usada na redação da reportagem.
	- Construção da narrativa em profundidade.	- A estruturação dos elementos na reportagem.
EDITOR-CHEFE CHEFE DE REPORTAGEM	- Controle de Qualidade: Técnicas e Ética.	- Auxílio na revisão das reportagens selecionadas para a revista - Discussão do componente ético entre os alunos.
	- Revisão do arquivo mestre para verificar fatos.	- Revisão do arquivo para identificar possíveis equívocos e dúvidas no texto da reportagem
	- Supervisão das atividades dos alunos.	- Controle das atividades jornalísticas desenvolvidas pelos alunos.

GERENTE DE JORNALISMO	- Ensino-aprendizagem da técnica investigativa como método.	- Monitoramento das etapas do plano de ensino.
	- Reflexão teórica-técnica de cobertura jornalísticas a partir de questões éticas e legais.	- Visualização da aplicação dos conceitos na prática jornalística - Sinalização do percurso pedagógico do aluno.

Fonte: Autores, 2017.

Essa experiência proporcionou aos alunos o fortalecimento da relação teoria-prática, valorização da autoestima ao ver sua reportagem publicada e amadurecimento enquanto futuro profissional, demonstrando a capacidade de superar obstáculos e frustrações. Assim sendo, a Dossiê deixa também como legado a contribuição ao estudante na busca permanente por qualidade nos produtos jornalísticos aos quais participe, o que também contempla as suas próprias experiências no consumo jornalístico e nos contextos sociais onde atua, além testemunhar e ratificar a importância do papel social da profissão escolhida.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Sem parecer arrogante, nos parece fundamental sustentar que é nítida a função pedagógica da revista Dossiê. A iniciativa reforça a necessidade permanente de o espaço acadêmico propor novos modelos a partir da prática experimental. Como primeira revista impressa especializada em jornalismo investigativo produzida por alunos de graduação em Jornalismo no país, também é pertinente refletir acerca da experiência na perspectiva docente. Ou seja, a vivência em sala de aula nos revela que a nossa experiência profissional e as atividades pedagógicas são fundamentais na formação acadêmica dos nossos estudantes, mas são potencializadas a partir das vivências que singulares percorridas no semestre pelos próprios discentes – tendo como baliza o exercício da ética. O ideal planejado e o real executado nos mostrou que temos que compreender o desenvolvimento pedagógico de cada aluno. Respeitando o amadurecimento acadêmico-profissional do estudante.

O subtítulo ‘Considerações provisórias’ não é por acaso, mas afirmativo de uma trajetória em construção. Foi a primeira revista de uma série que pretendemos continuar a fazer no âmbito da disciplina. A busca pelo aprimoramento e defesa profissional é constante. Podemos inferir nesse processo que é necessário formar jornalistas com olhar abrangente e humanizador. Acreditamos que um dos caminhos para isso é permitir ao aluno uma imersão na realidade local, com uma visão contextualizadora, complexa e

capaz de vivenciar problemas reais, assumindo responsabilidades e desenvolvendo sua autonomia enquanto cidadão e futuro jornalista.

Por fim, à luz da Nova Diretriz Curricular Nacional de Jornalismo (2013), compreendemos neste exemplo da revista Dossiê a participação ativa do aluno na construção do conhecimento e a integração entre os conteúdos, apoiada no comprometimento com a dignidade do exercício profissional e o interesse público.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013.

BURGH, Hugo. **Jornalismo Investigativo Contexto e Prática**. São Paulo: Roca, 2008.

CHAMBERS, Deborah. **Contexto de Mudanças do Jornalismo Investigativo**. In: BURGH, Hugo. **Jornalismo Investigativo Contexto e Prática**. São Paulo: Roca, 2008.

CHRISTOFOLETT, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**, 2º. ed., 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HUNTER, Max Lee. **Um Manual (Unesco) para Jornalistas Investigativos**. A Investigação a partir de Histórias. 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002264/226456POR.pdf>>. Acesso em: 07 de abril de 2017.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística**, 9º. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo: o Fato por trás da Notícia**. São Paulo: Summus, 2005.